

A TERRA E A VARIEDADE HUMANA

AS RAÇAS

RAÇA E CIVILIZAÇÃO

A única espécie humana que subsistiu nas vicissitudes da evolução geológica do Quaternário foi o *Homo sapiens*, que presenciou e ajudou a extinção do *Homo Neanderthalensis*: aqui e além talvez se tenha cruzado com ele como os Australianos se cruzaram com Pitecantropos, sendo deste modo menos do que espécies afins, novas variedades de um tronco comum. Deixamos esta controvérsia, insolúvel no estado actual da ciência, para insistir em três verificações essenciais: o *Homo sapiens*, se não é o mais robusto dos hominídeos é o mais *hábil* no fabrico de artefactos, o único capaz de dar forma aos produtos da sua imaginação numa arte até hoje insuperada e o mais dotado de mobilidade, pois com ele começou e terminou o povoamento da América. Graças ao abaixamento de 80 a 100 m do nível do mar no máximo da última glaciação, não só foi alcançado, pelo norte, este *novo mundo*, mas foi possível também a difusão humana nas florestas equatoriais, cujos contornos se retraíram em lugares que se tornaram ilhas e na grande reserva de arcaísmos da fauna que constitui o continente australiano. Os limites da ecúmena, com excepção das altas montanhas cobertas de gelo, foram praticamente alcançados. O grande reservatório da humanidade desde o Paleolítico médio (se não desde o Paleolítico inferior) que é o Mediterrâneo revela três configurações de crâneos que parecem «apontar» no sentido das grandes raças hoje existentes.

Esta humanidade, que se tornou, com o alvorecer dos tempos actuais (no sentido geológico), universal, é diversa pelo seu aspecto físico. Os caracteres de *raça* são de índole física ou natural: eles distinguem-se dos caracteres de civilização que cada raça transporta consigo; os primeiros transmitem-se por hereditariedade biológica e mantêm-se relativamente estáveis desde que não haja cruzamentos ou mudanças de ambiente, os segundos transmitem-se por hereditariedade social ou cultural ⁽¹⁾ e podem modificar-se por contactos ou substituições de civilização.

Um exemplo clássico ajuda a compreender a distinção entre raça e civilização. O filho de um casal de missionários americanos ficou órfão e foi recolhido por uma família chinesa. Quando, já homem, voltou ao país dos antepassados, tinha o tipo físico destes — alto, louro, de olhos azuis; mas os seus gestos eram contidos e obsequiosos e, com a língua chinesa, recebera as características culturais do povo entre o qual fora criado e educado. Conhecem-se vários casos de crianças abandonadas, adoptadas por animais, que aprenderam a caçar como eles, estavam privadas de fala e possuíam inteligência rudimentar, a que só a linguagem e a vida em sociedade permitem o desenvolvimento «humano». O instinto gregário existe entre vários animais, entre os quais o homem; só este passa desse instinto à invenção, aceita ou rejeita o que lhe vem de fora, alterando assim o património da sua civilização.

(¹) *Cultura*, no português corrente, significa apenas «cultivo» da terra ou agricultura; no português culto, significa ou a forma elaborada de saber que cada um, por informação e reflexão, organizou para seu uso («F. é culto, F. não tem cultura») ou o conjunto de manifestações da actividade criadora do espírito (pensamento e arte, em todas as suas formas). Não me parece conveniente acrescentar a três sentidos, já de si tão diferentes, mais o de *civilização*, conservando embora o adjectivo que lhe diz respeito («cultural»), para evitar o bárbaro «civilizacional». O alemão usa *Kultur* no sentido em que o inglês e as línguas românicas empregam «civilização». Esta palavra foi empregada por O. SPENGLER (*A Decadência do Ocidente*) para designar a época de apogeu, a que se segue o declínio, de uma «cultura»: pertence pois à teoria (ou filosofia) da História e foi usada pelo pensador alemão de um modo muito pessoal. Existem cerca de 200 definições de «cultura»; isto mostra quanto a palavra carece de precisão e não recomenda o seu emprego.

AS TRÊS GRANDES RAÇAS

Entre vários caracteres de raça, o mais aparente é a cor: Brancos, Pretos e Amarelos, já assim conhecidos na Antiguidade; a cor depende do pigmento existente na pele, muito abundante nas raças negras, menos nas amarelas, pouco ou raro nas brancas. Com a cor andam geralmente associados outros caracteres, de que se recordará apenas o mais importante: a forma do cabelo. A secção deste, vista ao microscópio, pode ser elíptica, em tubo, em fita. Uma experiência muito simples permite ver como esta forma determina a sua aparência. Se achatarmos um cabelo longo com a unha sobre uma superfície plana e resistente, desenrola-se em espiral irregular. Portanto, o cabelo em fita dá a carapinha das raças negras, o cabelo em tubo a forma lisa e corrediça das raças amarelas, o cabelo de secção elíptica é mais ou menos ondulado e encaracolado e predomina nas raças brancas. Por isso alguns antropólogos tomam este carácter ao mesmo nível que a cor e distinguem, por meio dele, as grandes raças humanas.

Dentro do mesmo agrupamento a variação de caracteres físicos pode ser muito grande: pele branca ou rosada, olhos azuis, cabelos louros, alta estatura, crâneo alongado, corpo fino e esgaldado, entre os Nórdicos, predominantes na parte setentrional da Europa média; pele trigueira, olhos e cabelos escuros, baixa estatura e corpo atarracado (principalmente com a idade), crâneo alongado, predominam entre os Mediterrâneos; entre ambos interpõe-se uma raça menos morena e mais alta do que a anterior, mas de crâneo curto e face larga: raça alpina. Elementos das três raças aparecem misturados entre a maior parte dos povos da Europa ocidental; crianças que nascem louras escurece-lhes o cabelo com a idade, indício de cruzamento com elementos mais claros. Os Brancos do Norte de África e do Sáhara são os mais trigueiros (embora se obsevem entre eles núcleos de louros), em parte por terem a pele queimada por um sol ardente ⁽²⁾, em parte por ser comum a mestiçagem com povos de raça negra com

(²) Existem várias escalas de cor; para evitar confundir um carácter genético com a sua modificação nas partes do corpo expostas ao sol tomam-se os sangradouros como lugar de aplicação das escalas.

que confinam; estes subsistem entre os agricultores dos oásis e, pela antiga organização do mundo muçulmano até à zona das savanas, não cessaram de afluir aos mercados de escravos do Magrebe. Poderia pensar-se numa relação entre pigmentação e clima (especialmente incidência e exposição aos raios solares); mas, no norte da Escandinávia, vivem Lapões e Finenses de baixa estatura, pertencentes à raça amarela, e os Tuareg do Sáhara cobrem cuidadosamente o corpo e a cara, defendendo-se do sol e do vento do deserto, que fustiga o corpo com grãosinhos de areia, e de espíritos malfazejos que lhes podem entrar pela boca.

O domínio contínuo da raça branca compreende a Europa e o ocidente da Sibéria, a África até à zona das savanas, a Ásia ocidental até ao norte da Índia. Os Polinésios e os Ainos do norte do Japão (notáveis estes por um desenvolvimento do sistema piloso que nenhum outro grupo humano revela nesta escala) constituem dois grupos isolados, cuja posição, origem e caracteres são difíceis de explicar, mas que a maioria dos autores inclui na raça branca; outros consideram os Polinésios uma raça amarela mais diferenciada; a unidade de aspecto, de língua, de utensílios, neste imenso mundo insular, sugere uma expansão recente, facilitada pela piroga com flutuador. Mas, no primeiro caso, onde estão as suas raízes e quais foram, através do Oceano Índico, as suas vias de difusão? De qualquer modo, os Polinésios «europóides», espalhados por arquipélagos que vão de um trópico ao outro, contrastam com as populações, francamente negróides, que deram o nome à Melanésia («ilhas pretas ou de Pretos») e constituem o único caso de uma raça branca de *habitat* em grande parte tropical e equatorial.

A colonização levou a raça branca ao oeste da Sibéria, à África do Sul e à maior parte da América. O elemento branco puro apenas prepondera nos Estados Unidos e no Canadá, tanto anglo-saxónico como francês. Na América ibérica, os Brancos mestiçaram-se com Índios e Pretos e, embora constituam geralmente os quadros da vida social, são, nalguns estados, às vezes franca minoria.

A África ao Sul do Sáhara é o solar típico da raça negra. Além da pigmentação e de várias formas de carapinha, a testa fugidia, a cabeça alongada, o prognatismo (maxilares pro-

jectados para diante) exagerado pelos lábios grossos e salientes, o nariz largo e achatado, os membros finos e esguios, a pele macia e nua (excepto nos lugares habitualmente pilosos), constituem caracteres que a mestiçagem, na orla dos Brancos saharianos, pode atenuar (Fulas, por exemplo); grande variação da estatura e da pigmentação, que vai do preto retinto até ao acastanhado escuro ou acobreado. O facto de as populações da savana serem geralmente mais escuras do que as da floresta faz pensar na influência da insolação; contudo, não está provado que a acumulação de melanina, responsável pela cor negra da pele, represente qualquer vantagem fisiológica (mas pode não se conhecer ainda o seu mecanismo); na América, os Pretos são mais ou menos escuros conforme a sua origem racial e os do mundo tropical não são mais escuros do que os outros (mas quanta mestiçagem durante quatro séculos ou mais, com Índios, com Brancos, de Pretos de várias proveniências entre si?). Os Pretos da África do Sul, que começaram a ocupar repelindo populações mais antigas, não parecem, no mesmo lapso de tempo, ter branqueado. O mito da «negritude», contraposto ao da superioridade da raça branca e exacerbado com a independência das antigas colónias africanas, faz esquecer que os deslocamentos das populações negras são profundos e recentes, sobrepondo-se quer a outros grupos negros mais antigos, quer a populações doutras raças, africanas também, a que se fará referência. Nada permite filiar a raça negra em remotos ou arcaicos restos humanos de que a África oriental e meridional tem revelado tão abundantes achados. É fora de dúvida que o domínio dos Pretos na África Austral resulta do movimento de povos de que os europeus presenciaram os últimos redemoinhos. As reivindicações da «negritude» pertencem ao domínio da fantasia ou da política e os primitivos habitantes da África, pelo menos ao sul da zona equatorial, foram Pigmeus, Hotentotes e Bochimanes.

Uma importante orla de mestiçagem encontra-se no contacto de Pretos com Brancos nas savanas, estepes e montanhas da parte meridional da periferia do Sáhara: são os Camitas ou Etíopes dos historiadores (Abissínia, refúgio montanhoso, e terras baixas próximas), cujos caracteres des-

critivos são muito variáveis, como é próprio de uma raça de transição. Os Fulas que, na sua expansão, incorporaram muitos grupos negros (Fulas pretos e Fulas forros, descendentes de antigos escravos, na Guiné) são, entre os nómadas, maníacos criadores de vacas e nem todos islamizados, ou sedentarizados recentemente (Futa-Fulas dos planaltos do Futa-Djalón), têm a pele castanho-clara e traços finos, por vezes de grande beleza.

Outro núcleo importante de raça negra existe na Índia (excepto no extremo norte), na Austrália, Nova-Guiné e Melanésia; ao contrário da África, onde os Pretos só tardiamente ocuparam a sua extremidade meridional, este Negros e Negróides parecem ter permanecido numa posição de refúgio perante a expansão da raça branca (norte da Índia e Polinésia) e amarela (Indonésia): o que confirma, para a raça negra, um *habitat* preferentemente tropical. Na Índia (Drávidas) e Ccilão as feições são geralmente finas e os cabelos frisados ou mesmo ondulados; dominantes em número e excelentes rizicultores, receberam dos Arianos de pele clara o sistema das castas, a organização da comunidade aldeã e, dum modo geral, com o Bramanismo ou o Budismo, as formas superiores de civilização e de vida social. Se os traços comuns à raça branca resultassem de mestiçagem esta seria anterior ao bramanismo, pois o sistema das castas (casta = cor) a tal se opõe, preservando ciosamente estirpe, profissão e comensalidade. A flixidez de traços (e não a oscilação própria dos mestiços) parece indicar uma raça à parte no conjunto do mundo negro (como os Polinésios seriam uma raça à parte no conjunto dos Amarelos?). No recobrimento de Drávidas por Arianos, aqueles constituem a casta mais baixa e numerosa de camponeses (*Sudras*), os *Intocáveis* ou impuros e os *Párias*, fora do sistema de castas. A gente de pele mais clara constitui a aristocracia e detém as terras e o poder. Quanto aos Australianos, Papuas e Melanésios, os caracteres negróides são nítidos na cor, no prognatismo, mas os cabelos são também ondulados e frisados, a pilosidade mais desenvolvida que nos Negros africanos; Australianos e Melanésios possuem em comum o nariz adunco. Pretendeu-se encontrar na baixa estatura, na viseira saliente, no viver primitivo (paleolítico à chegada dos Europeus), influência dos Pitecantropos, com quem se teriam

cruzado (mas seria a mestiçagem possível com um ramo mais remoto e mais diferente que os Neanderthalianos?). Segundo os autores que defendem esta hipótese, vários crâneos fósseis, de idade imprecisa, preencheriam a lacuna; os Australianos seriam, assim, um ramo jovem da humanidade, os seus caracteres «primitivos» e não «regressivos»; eles dariam a imagem de um grupo que não terminou a evolução no sentido dos tipos actuais.

A raça amarela é a que reúne a maior parte da humanidade (só a de civilização chinesa e suas derivadas, mais de um quarto da espécie humana), a que alcançou, ao mesmo tempo, as mais elevadas e antigas densidades agrárias, a que conta, pelo seu desenvolvimento recente, algumas grandes cidades do mundo, a que, numa área contínua, alcançou maior expansão, da Lapónia à Groenlândia, do litoral do Oceano Glacial Ártico à Terra do Fogo. Foi a raça amarela que, só por si (ou com pequeno contributo de Melanésios), povoou a segunda parte do mundo em extensão territorial.

A sua variedade é muito grande, sendo apenas caracteres comuns os cabelos em tubo, lisos e corredios, o tom da pele, do amarelo ao acobreado ⁽³⁾, a pilosidade pouco desenvolvida. Chineses, Japoneses, Esquimós, são baixos, Mongóis e Índios americanos, altos; a prega «mongólica» das pálpebras e os olhos de inclinação convergente encontram-se apenas na Ásia e nos povos árticos daqui e da América; pés e mãos pequenos existem apenas entre povos de raça chinesa; os Chineses têm o rosto achatado, largo, e o nariz pequeno; alguns índios, grande nariz saliente e sem depressão entre ele e a testa; as maçãs do rosto salientes numa face larga existem entre os Mongóis e várias populações da Ásia central, nos Esquimós, faltando geralmente nos Índios americanos; os Mayas actuais, tal como os seus antepassados representados em esculturas e baixos relevos, possuem nariz convexo — que parece ser traço de beleza muito apreciado. Nenhuma relação entre a pigmentação e o clima: tão escuros os Índios da Amazónia como os Esquimós (aqui poderia pensar-se que o recente povoamento

⁽³⁾ Recorde-se que os «Pele Vermelhas» da América do Norte foram assim designados pelos Europeus por (como entre outros povos) pintarem o corpo de encarnado durante certas cerimónias.

da América não deu tempo a consolidar-se este «ajustamento»), tão escuros os Malaios e os Indo-Chineses, em regiões de clima tropical, como os Mongóis das terras áridas e os habitantes do mundo circumpolar (aqui o argumento anterior não tem qualquer aplicação).

Os Indonésios ocupam um lugar de transição: alguns autores incluem-nos, como os Polinésios, na raça branca, a maioria, porém, coloca-os na raça amarela. O seu *habitat* vai desde a China do sul, pela Indochina e Indonésia, até à grande ilha de Bornéu. Um povo, sem dúvida, possuidor de uma civilização marítima que o levou a deixar um ramo, os Hova, em Madagascar, do outro lado do Oceano Índico. Às suas navegações se deve talvez a introdução da piroga com flutuador no litoral da Índia e da África oriental, até à Ilha de Moçambique. O tipo físico é variável, nele se revelam traços mongóis, drávidas (do sul da Índia), negritos, polinésios, melanésios. O seu grupo mais importante e mais individualizado, conhecido pelo nome de Malaios, deu origem a dois estados: a Malásia e a Indonésia. Sob a influência dum sistema de navegação e comércio que serviu de veículo a relações diversas, constituem o mais distante bloco muçulmano. A civilização da aridez, de pastores da estepe e de caravaneiros do deserto, de grandes cidades-oásis mantidas por uma rega engenhosa, prospera hoje em ilhas da zona tropical húmida, entre cultivadores de arroz, pescadores e marinheiros. O Islame, nascido no ambiente de grandes cidades da periferia do deserto, tendo incorporado vários focos criadores de elevadas civilizações entre gente branca, da Índia ao sul da Península Ibérica, sobrepôs-se, por um lado, à herança complexa de civilizações no entrecruzamento de influências deste mundo insular, penetrou, por outro, entre camponeses e pastores da África negra, umas vezes propagado a partir dos bazares terminais de pistas de caravanas, outras dos portos, onde se trocavam mercadorias e se embarcavam escravos. Foi também a navegação que levou a fé muçulmana ao mundo malaio. Estes movimentos de grande amplitude não podem deixar de afectar os povos na sua composição étnica e no seu património de civilização. Como os Camitas ou Etíopes, também os Malaios estão na fronteira de modos de vida e de religião.

PIGMEUS E BOCHIMANES

Além destas três grandes raças, os antropólogos tiveram dificuldade em classificar os povos de muito baixa estatura (inferior às mais baixas estaturas das três grandes raças) e outros caracteres «infantis» (aliás variáveis não apenas segundo os grupos mas segundo os autores...): Pigmeus das florestas do Congo, do interior da Malásia e das Filipinas, das ilhas Andaman, todos com aspecto negróide, na cor, no cabelo, no nariz e noutros traços do rosto; Bochimanes, também com os caracteres negróides referidos mas pele francamente amarela e não negra ⁽¹⁾ e grande finura das extremidades. Além de peculiaridades dos órgãos sexuais (pénis direito em estado de repouso, pequenos lábios salientes, em «aventado»), a alimentação rica, no tempo da apanha do mel silvestre, provoca, nas mulheres, a enorme saliência das nádegas por acumulação de gordura (esteatopigia), que tanto impressionou os viajantes de todos os tempos.

Esta arrumação é antes convencional do que real, tanto mais que a estatura é baixa nos Bochimanes mas muito mais baixa nos Pigmeus (abaixo da axila de um branco de raça nórdica), sensivelmente diferentes na pigmentação. Os Bochimanes, a avaliar pela semelhança de pinturas rupestres, iam do Sáhara (na última época pluvial) até à África do Sul, onde o Roteiro da viagem de Vasco da Gama consigna

⁽¹⁾ «São como cabritos» (Mestiço de Branco e Mulata), dizia o meu intérprete preto, que, ao contrário do habitual, não os desprezava e até apreciava muito a fidelidade das mulheres (é certo que a dele lhe tinha fugido). Nenhum Preto (e muito raros etnólogos) consegue aprender a língua bochimane com os seus *clics* e inspirações nasais; mas os Bochimanes falam geralmente a língua dos grupos bantos com que estão em contacto e foi por intermédio dela que consegui fazer alguns inquiridos. A um velho, sujo de terra e encarquilhado, de expressão atraente e maliciosa, pedi que falasse a sua língua; dirigiu-se a um moço e disse-lhe: «Eh pá, anda cá», com o expressivo jogo fisionómico de quem prega uma boa partida; só lamentei não possuir o mesmo fino sentido do humor — e senti-me estranhamente «próximo» deste velho, de uma raça e de um viver tão diferentes dos meus. Sobre Bochimanes de Angola ver a obra fundamental de M. VIEGAS GUERREIRO, *Bochimanes !Khung de Angola. Estudo Etnográfico*, Lisboa, 1963, 388 p. e a minha recensão, *Finisterra*, v, 9, 1970, p. 130-138.

a sua pele clara e o falar por «saluços» (*clics*). É possível que eles pertençam a uma antiga e extensa humanidade africana, pouco a pouco relegada pelos Pretos aos confins semiáridos do Kalahari. Os contactos com a humanidade negra foram umas vezes violentos (cenas de luta entre Pretos de grande estatura e «os pequenos homens amarelos» a que procuravam roubar o gado, nas pinturas rupestres dos Bochimanes, em áreas donde foram escorraçados), outras vezes pacíficos (mestiçagem entre Pretos e Bochimanes, que deu origem aos Hotentotes, largamente difundidos na África oriental e meridional, onde se distinguem pelo tom de pele castanho ou amarelado e pela ocorrência da esteatopigia nas mulheres). Um tipo negro, de baixa estatura, feições miúdas e rosto em forma de pêra (estreitando para baixo), parece, por sua vez, indicar cruzamento com Pigmeus, longe da orla da floresta equatorial onde se encontram refugiados, e uma área de difusão muito mais vasta para esta raça residual.

RAÇA E POVO: TRÊS EXEMPLOS

É impossível entrar aqui em pormenores, próprios da Etnologia e da Antropologia. Pretendeu-se apenas dar uma visão de conjunto, que me parece necessária aos geógrafos. Ela constitui o primeiro elemento da diversidade humana — aquele que é dado pelo próprio homem, no seu aspecto físico e em traços de comportamento e de civilização que tantas vezes lhe andam associados. Convém agora examinar certos pontos especiais.

Um é a diferença entre raça e povo ou *etnia*: a raça é uma entidade física ou biológica, o povo poucas vezes uma raça única e as mais delas um conjunto de raças que, pelo seu convívio, possuem em comum língua, usos, comportamento, tradições e formas de viver. Nalguns o elemento de coesão é formado pela continuidade do território e da língua, noutros pela consciência de uma origem comum, pela religião, pela maneira de viver: Judeus, Ciganos, Parses. Os primeiros, a despeito da pátria recriada em Israel, com a má vontade de vários países do Ocidente e em luta armada contra os Árabes, estão espalhados pelo mundo e mais ou menos integrados noutras sociedades, onde tendem a ocupar posições proemi-

nentes, na arte, na ciência, nas profissões liberais, no comércio, na finança; por isso o seu *habitat* é a cidade, onde às vezes o povo predominante os relega para bairros próprios: *ghetto* ou judiaria. Os mais humildes são comerciantes e artifices e, no mundo rural, desdenham geralmente o trabalho da terra. Nalgumas aldeias do leste de Trás-os-Montes são tendeiros, almocreves, negociantes, homens de ofício, convivendo em boa harmonia, mas sem se misturarem com a população rural predominante; peliteiros, outrora ocupados na indústria da seda (extinta desde o terceiro quartel do século XIX), azeiteiros, compram e vendem por feiras distantes; souberam preservar a sua individualidade de três séculos de perseguição feroz pela Inquisição.

Há Judeus louros e morenos, altos e baixos, de tipo alemão ou de tipo americano, mas certo «ar» indefinível distingue-os na aparência. Constituem uma minoria com forte consciência de grupo, solidários e tendendo a casar entre si, alguns falando hebreu ou uma língua derivada e alterada, formada na Europa central (yidish), muitos praticando a religião tradicional (a Sinagoga é poderoso factor de coesão), outros indiferentes ou agnósticos mas sentindo fortemente a sua origem e esforçando-se por preservar uma vigorosa individualidade cultural. Em países de economia de tipo capitalista constituem um poderoso motor do progresso que a Geografia não pode ignorar. O isolamento da sociedade onde vivem e trabalham, a prosperidade e a aptidão para adquiri-la, certo sentimento de superioridade e algum orgulho em exibi-la, assim como as posições de proeminência, explicam os *pogroms* em várias épocas e lugares e a implacável perseguição que lhes moveu o *Nazismo*, promovendo o êxodo ou a execução em massa dos Judeus e arrastando o povo «ariano» a um ódio de raça, insustentável pela moral e pela ciência, enquanto o desviava de outras preocupações que haviam de conduzir à guerra, à derrota, à humilhação... e a uma corajosa renovação económica e ideológica. O povo alemão tem o gosto da disciplina e da exibição colectiva, que dirigentes ambiciosos ou insensatos podem aproveitar para o lançar na guerra: isto tem a ver com o sistema de educação e nada com as tendências da «raça», aqui tão «atravessada» como na maior parte dos países da Europa.

O mito de superioridade racial (mas de qual raça?) não passa de grosseiro embuste (5).

Os Ciganos são geralmente altos e esbeltos, impressão que as longas saias rodadas e as calças muito justas reforçam; cabelos muito pretos, olhos escuros, pele cor de azeitona. No norte da Índia não é raro este tipo. O que, por toda a Europa e nos países da América para onde emigraram ou foram deportados, preserva a individualidade dos Ciganos é o modo de vida nómada, o gosto da música e da dança, as artes e trapanças que exercem nas feiras, latrocínios de pouco vulto (gado, animais de capoeira, roupas que estão à mão, objectos de ouro em que os camponeses colocam as economias), desdém do trabalho regular, um forte sentido endogâmico, a língua misturada e o *calão* com que se entendem entre os diferentes povos. Nos países eslavos e no sul da Península Ibérica constituem grupos importantes, coesos ainda que disseminados, que se opõem mais ou menos à população ambiente, umas vezes detestados pelos embustes e ladroeiras, outras requeridos pelo sentido do ritmo e da cor, na música e na dança. Reflectem, como não pode deixar de ser, o nível de vida dos países respectivos: em Portugal armam tendas de pano, deslocam-se de carroça e a cavalo, em França acampam em *roulottes* e usam automóveis velhos, nos Sertões do Nordeste brasileiro formam grandes grupos montados; nos lugares onde

(5) A «raça» sobre que certos autores lançaram os olhos foi a nórdica: «dolicocefalo louro», de olhos azuis e alta estatura; ora, na Alemanha, penetram duas cunhas de braquicéfalos de estatura menos elevada: uma pelas províncias bálticas e o leste da Prússia, onde constitui provavelmente um substrato que sofreu intensa colonização germânica na baixa Idade Média, outra pelas províncias montanhosas do centro e sul (raça alpina), onde não são raros os olhos e cabelos escuros e a conformação atarracada do corpo. É curioso notar que as «teorias» da superioridade racial procedem do francês CONDE DE GOBINEAU, e da superioridade nacional e, como corolário, de direito ao alargamento, à custa de outros povos, do «espaço vital», do sueco R. KJELLÉN, em cujas ideias se inspirou um ramo espúrio da Geografia humana — a *Geopolítica*. Não podendo negar a superioridade da civilização grega no campo do pensamento e da arte, atribuiu-se a sua criação aos dolicocefalos louros, provindos do Norte, que se teriam infiltrado nesta terra mediterrânea. Fantasias destinadas a servir a política e que a ciência tem o dever de arredar: basta lembrar que a primeira teve um surto na época de Bismarck, a segunda no Nazismo.

se sedentarizam a sua individualidade perde-se rapidamente. Às centenas, senão milhares, acabaram nas câmaras de extermínio que os Nazis construíram para os Judeus. Atraentes pelo repúdio da civilização ambiente, cada vez mais materialista, por quanto tempo existirão nela os sobreviventes de antigos gostos sóbrios, errantes e fantasistas?

Os Parses do Noroeste da Índia recordam, sob certos aspectos, os Judeus: religião própria (dualismo entre o bem e o mal, culto do fogo, sobrevivência do Mazdeísmo persa), origem estranha (rechaçados da Pérsia pela expansão do Islame), vida urbana, comércio e prosperidade. Dos ritos próprios conservam o fogo sagrado, num recesso da casa inacessível a olhos impuros, os sacerdotes, vestidos e toucados dum branco impecável, as «torres do silêncio», na forma de poços largos e pouco fundos, onde os cadáveres aí arrojados são comidos por aves de rapina e destruídos pelas intempéries. No bairro parse de Bombaim espalham um nauseabundo odor de putrefacção. Em Damão os Parses formam um grupo pequeno mas relevante e levantaram também, em lugar ermo, a torre do silêncio. O tipo físico dos Parses não os distingue dos Brancos morenos do Norte da Índia e, dum modo geral, da Ásia do Sudoeste; foram talvez os últimos Brancos a infiltrarem-se no espaço indiano ocupado pelos Drávidas. Os três exemplos referidos esclarecem certa imprecisão de fronteiras entre raça e povo. O modo de vida, a forte consciência de grupo, a oposição à maioria envolvente, preservam uma individualidade que é muito mais cultural do que natural.

MESTIÇAGEM E APARTHEID

Computou-se em 3,5 p. 100 o número de mestiços. Sobre que base pode assentar esta enganadora precisão numérica? Existem mestiços esporádicos, mestiços derivados dos grandes movimentos de colonização e raças mestiças, grupos de transição na orla de contacto das grandes raças.

«Gente branca», nas ilhas de Cabo Verde, designa não a cor mas a situação social preponderante. «Branços» eram, no século XVIII, os Pretos do interior de Angola que haviam adoptado, com o modo de vida de comerciantes e traficantes, o uso de vestuário europeu, incluindo o hábito de andar

calçado. No Brasil a percentagem de Brancos tem aumentado, tanto pela imigração de gente europeia e mediterrânea como pela incorporação dos mestiços claros; a mestiçagem é aqui complexa: *Caboclos*, com sangue índio, *Mulatos*, com sangue negro, *Cafusos*, cruzamento de Negros e Índios. Até há poucos decénios, antes da emigração portuguesa ter sido estimulada pelo Estado e de os emigrantes trazerem a família, as cidades e vilas de Angola e Moçambique possuíam uma verdadeira «aristocracia» local, onde predominavam Mulatos e até alguns Pretos (hoje debilmente representada apenas em Benguela e Quelimane). Nas sociedades coloniais de formação ibérica, os filhos mestiços integram-se geralmente no estrato social dos pais.

«A colonização americana teria sido impossível ou, pelo menos, muito mais difícil, sem a imediata formação de uma activa geração mestiça, que foi elemento importante na conquista e povoamento das terras novas, conglomerado inicial de povoações interiores e laço de união com as tribos índias do interior continental. Representa um elemento de equilíbrio do triângulo racial actuante: o Branco conquistador, o Índio conquistado e o Negro importado. O processo de fusão étnica continua ainda hoje e continuará até que se chegue a um tipo uniforme e relativamente homogéneo» (6).

Criollos (7), na América espanhola, começaram por ser os Brancos nascidos e «criados» no país: os pais eram de

(6) CÉSPEDES DEL CASTILLO in VICENS VIVES (director), *Historia Social y Económica de España y América*, tomo IV, Barcelona, 1958, p. 344.

(7) Como em francês *créole*. Em português crioulo significava escravo ou animal nascido em casa do dono; no sentido espanhol não há uma designação de conjunto: Brasileiro, Angolano, Descendente (de Portugueses, em Goa), etc. que se opunham a Reinol, vindo do Reino. Foi por influência das ilhas de Cabo Verde que crioulo tomou o duplo sentido de mestiço e da sua língua cuja base é o português, com alterações de origem africana e uma pequena parte do vocabulário (outra de origem americana, por causa dos emigrantes retornados). Formaram-se crioulos em Cabo Verde (usados como «língua franca» pelos Pretos de várias etnias no litoral da Guiné fronteira, além da província portuguesa), São Tomé, Damão, Malaca, ainda vivos e, hoje extintos, em Ceilão e Java. Esta transfusão de uma língua estranha não foi sempre acompanhada de mestiçagem mas sim de relações comerciais e tentativas de evangelização.

origem nobre ou cedo ingressavam na classe local preponderante; as mães eram de famílias distintas, pois só entre elas os homens podiam trazer mulher e filhos; abaixo ficavam as «castas» de mestiços, que foram aumentando em número e complexidade (nalguns lugares chegaram a distinguir-se 16) conforme a maior ou menor infusão de sangue branco; eram cuidadosamente separadas pelos nomes e colocadas na estratificação social respectiva, tanto mais elevada quanto mais longe das raças de cor. Estas complicações preocupavam apenas a gente de prosápias e o povo tinha tendência a reduzi-las a umas quantas designações, dadas pela aparência mais que pela origem.

O cruzamento de Mestiços com Brancos ia clareando os primeiros, a ponto de só um olho perspicaz ou experimentado conseguir distingui-los; filhos de Crioulo e de Mestiça, sobretudo os mais claros, seguiam o destino do pai. Alguns eram de origem nobre pela mãe, como GARCILASO INCA DE LA VEGA, filho de um conquistador obscuro e de uma princesa peruana, que se tornou o cronista da grandeza incaica e da conquista espanhola, ostentando no nome a distinção que lhe vinha do lado materno. Assim, a pouco e pouco se foram incorporando na classe local preponderante os Mestiços, geralmente filhos de mãe índia, mas não os Mulatos, pois este cruzamento se tinha por «infamante». Eles reforçavam o sentimento da autonomia dos *Criollos* e esta classe social, misturada e próspera, que origem e interesses separavam dos Espanhóis, das suas prosápias e da sua arrogância dominadora, foi a que tomou sobre si a libertação de novas nações de uma pátria distante e decaída, a que, cada vez menos, se sentiam ligados. Na sociedade actual, caracterizada geralmente por grande mobilidade, mestiços de Índio e muitos Índios mais ou menos puros podem ascender aos estratos mais elevados.

A América ibérica é, assim, o grande mostruário da mestiçagem: Brancos e Mestiços claros nas classes mais elevadas, Mestiços escuros, Índios e Pretos nas classes baixas. A grande mobilidade social, própria dos países novos, permite, por audácia, fortuna ou sorte, que alguns indivíduos escuros se elevem aos estratos preponderantes. Preconceitos raciais existem — aliás de Branco contra a gente de cor e de Mestiços contra Índios ou Negros — mesmo nos lugares de maior

mistura de sangues; mas é raro fazer deles uma doutrina coerente, um motivo de orgulho e um programa de acção. Estancado o tráfico de escravos, acabou-se a gigantesca emigração compulsória a que deu origem. Calculou-se em cerca de um milhão o número de escravos («peças de Índias») entrados no estado da Bahia pelo porto de Salvador e destinados ao serviço doméstico nas cidades e vilas e, principalmente, às plantações de açúcar, tanto no trabalho rural como nos «engenhos». Daí o estranho aspecto da capital, transformada por demolições e construções de grandes prédios de estilo americano, cujas altas torres ultrapassam de muito os campanários e zimbórios, ainda há pouco característicos da silhueta da velha cidade, com antigas casas e igrejas revestidas de azulejos, que lembram o Porto, e uma vida de rua, de mercado, de quintal e de recintos sagrados, onde pululam Pretos e Mestiços e se celebra o ritual dos «filhos de santo», estranho sincretismo do catolicismo português de devoções e romarias e de cultos animistas celebrados em língua yorubá, geralmente estropiada e ininteligível para o maior número de fiéis. Encontro de duas civilizações, ambas transpostas da sua terra de origem.

O primeiro cômputo da composição da população brasileira (1915) dava já o predomínio aos Brancos (51 p. 100), seguidos de Mestiços (33), de Pretos (14), vindo os Índios em último e modesto lugar (2); em 1950 os Brancos alcançaram 62 p. 100 e todos os outros haviam diminuído. Estes números são muito aproximados e na preponderância dos Brancos tem de ver-se não apenas o resultado da imigração mas a ascensão social da gente de cor, o cruzamento de Mestiços com Brancos e uma sorte de «branquear», étnico e ainda mais sociológico, de uma sociedade misturada e movediça.

Com as reservas indicadas, a situação parece ser a seguinte: Estados com maioria de Índios: Equador, Guatemala (ambos com 60 p. 100), Bolívia (53), Peru (46); os Índios são ainda numerosos no México (26), mas desapareceram, por extermínio e epidemias, nas ilhas açucareiras do Golfo do México, substituídos por escravos pretos: Haiti, quase toda a população negra (95 p. 100, o resto Mulatos), mas nesta metade de ilha, onde os escravos se libertaram da França por uma corajosa revolta, ser Preto é pertencer

à população dominante; em São Domingos, a outra metade da mesma ilha, espanhola ou americana até tarde, a composição é diferente (70 p. 100 de Mestiços, geralmente Mulatos, 15 de Pretos, 15 Brancos); os escravos negros foram-se refugiando onde consideravam existir a sua reencontrada liberdade, daí a diferença. Uma cadeia de estados em grande parte montanhosos que vai do México ao Chile, compreendendo todos os países andinos, possui elevadas percentagens de Mestiços, grandíssima parte de Branco e Índio: chegam a 97 p. 100 no Paraguai, a 86 nas Honduras, a 78 no Salvador; onde a percentagem de Mestiços baixa, sobe a dos Índios, como se viu. Os únicos países que têm franca maioria de Brancos são a Argentina (97 p. 100, mas os Mestiços de várias gerações são incorporados neles, num país de prosápias racistas, onde os Índios ou Mestiços de fresca data estão muito mais afastados das classes preponderantes do que nos estados andinos), Uruguai (97), Costa Rica (83), Cuba (73) e o Brasil (62). As plantações de cana-de-açúcar e a lavra das minas fizeram-se ainda com escravos negros importados; estancado o tráfico, deu-se, como nos países anteriores, uma grande imigração de Brancos de vária proveniência e até de Japoneses e Chineses. Havana foi, durante alguns decénios, a maior cidade de Galegos, o Rio tem mais Portugueses do que o Porto. Em São Paulo enlaçam-se, na forma americana da «segunda fundação» da cidade, a tradição portuguesa e uma forte influência italiana. Na culinária de todo o Brasil acrescentou-se o macarrão ao arroz trazido da Ásia e da África pelos Portugueses e ao caldo de feijão preto e farinha de mandioca, fundo americano de toda a alimentação: cruzamento de gente e encontros de civilização. No vale do Itajaí, no Estado de Santa Catarina, Alemães criadores de gado organizaram uma paisagem de parque afim da Europa média (mas com araucárias) e fundaram cidades que conservam a fisionomia originária, com maioria de habitantes alvos, louros, de olhos claros. Os últimos destroços da Alemanha *nazi* refugiaram-se em longínquas estâncias de gado da Argentina, onde às vezes os descobre a implacável *vendetta* hebraica.

Não existe, em nenhum outro continente, mestiçagem tão variada e tão perceptível, que ainda não teve tempo de fundir-se no cadinho da colonização portuguesa ou espanhola,

e não se esbaterá sem o alterar, às vezes profundamente. Os estados andinos comportam o peso índio como o velho Brasil do açúcar, do fumo e das minas o peso africano dos seus Pretos e Mulatos.

Os Estados Unidos acusam a Espanha do extermínio dos Índios (incontestável nas Antilhas açucareiras) e mostram como veneráveis vestígios da sua presença os *pueblos* espanhóis do Novo México. Na década de 60 eram pouco mais de 500 mil nos Estados Unidos, com tendência a aumentar, confinados em «reservas» onde praticam a agricultura e, na estação turística, se mascaram com os trajes típicos e impingem produtos do artesanato tradicional e imagens pornográficas muito apreciadas nos países que se têm por altamente desenvolvidos! Os Estados Unidos, tão interessados em favorecer os movimentos de «descolonização» africanos (para conquistar os mercados destes novos países), nunca concederam aos Índios cidadania mas apenas «protecção». Gente da mesma raça, mas trazida por uma emigração facilitada pela navegação a vapor (Chineses e Japoneses), chega hoje a cerca de 700 mil, mais que os «arborígenes» ⁽⁸⁾ que escaparam ao extermínio!

Com um décimo da população proveniente de antigos escravos das plantações do Sul, e em parte atraída pelo desenvolvimento urbano do Nordeste, o Governo dos Estados Unidos não foi capaz de pôr fim a um *apartheid* desumano e vexatório para esta gente de índole laboriosa e empreendedora. Uma vez mais acode ao espírito a defesa retórica que os Estados Unidos tomam, nas assembleias internacionais, dos Negros africanos. Bairros, transportes, comércio, até ensino, separam cuidadosamente *White* e *Coloured*; mas, enquanto na América ibérica os Mestiços seguem em grande parte a condição dos pais e têm oportunidade de ascensão social, aqui a gente de cor é constituída por todos que conservem a mais débil aparência de mestiçagem. Vítimas de violência, estupro e assassinio, empreendendo por vezes marchas pacíficas ou usando meios violentos, os Pretos e Mulatos lutam com decisão por uma condição humana que os Brancos preponderantes não estão dispostos a conceder-lhes. Os Estados

⁽⁸⁾ Na verdade também de remota origem asiática mas anteriores à chegada dos Europeus.

Unidos empreenderam, com êxito espectacular, a conquista da Lua, antes de resolverem, no seu próprio território, graves tensões raciais.

Muito mais graves ainda pode provocar o *apartheid* na África do Sul e na Rodésia, onde à maioria negra se juntam as minorias locais de Hotentotes e Bochimanes e a colonização de Brancos (principalmente Holandeses e Anglo-Saxões protestantes), imbuídos da sua própria superioridade, e de Indianos que se misturaram ou não conforme são bramanistas ou muçulmanos, considerando-se os primeiros superiores aos próprios Brancos; uns e outros detêm o poder económico mas só os Brancos detêm o poder político. Os «Mestiços do Cabo» constituíram-se, a partir do *hinterland* de um grande porto de escala, por uma complexa mistura de raças, onde é impossível isolar o elemento prevalecente, branco talvez na origem e diminuído em consequência da severa segregação da gente de cor. «Não valeria mais, para os Brancos, anexar 1 650 000 Coloured? Os 'Europeus' passariam de 19 a 28 p. 100 da população. Sobretudo, a distinção entre Europeus e não-Europeus far-se-ia segundo o critério da civilização e da língua e não mais segundo o da cor: seria mais judicioso, menos desesperante, mais aberto para o futuro» ⁽⁹⁾.

Os Brancos formam geralmente a minoria e possuem a mais baixa natalidade e, portanto, a menor taxa de crescimento; assim se explica a enorme retracção, entre 1911 e 1951, da área da África do Sul onde os Brancos eram mais de 40 p. 100.

PRECONCEITOS E VALORES DE CIVILIZAÇÃO

Nada do que se escreveu sobre os «perigos» da mestiçagem para a pureza da raça branca (mas qual?) e sobre a «degenerescência» dos mestiços tem a menor base científica. A situação marginal da gente de cor, que gera a miséria, a promiscuidade, a ignorância e, às vezes, a revolta e o crime, tem a ver com o *status* social e económico e não com a «raça» e a mestiçagem. Os Alemães pretendiam-se, durante o apogeu do seu poderio militar, um *Herrenvolk*, um «povo de senhores»

⁽⁹⁾ P. GOUROU, *L'Afrique*, Paris, 1970, p. 345.

entre outras nações da mesma raça; afinal a derrota revelou neles admiráveis qualidades de energia, disciplina e entusiasmo que puderam ser aplicadas a reconstruir a grandeza na paz.

A noção de «superioridade» de raça carece, cientificamente, de sentido. O que existe são as «prosápias» próprias de cada civilização. Vimos como as mais belas criações da arte animalista se encontram em grutas do Paleolítico superior. Ninguém pintou cavalos com tanto realismo como os Turcos, em parte ainda nómadas e guerreiros e, por isso, profundos conhecedores dos animais em que se baseava a sua força. Certos retratos chineses e japoneses têm a expressão e penetração dos flamengos, e mais uma ironia maliciosa e discreta que estes não alcançaram. A música negra dos Estados Unidos, em parte de origem religiosa («*spirituals*»), deu à música moderna ritmos novos e sugestivos. Os Brancos do Ocidente criaram uma civilização material sem par e desenvolveram as ciências da matéria, que os Híndus têm por grosseiras em comparação com o seu aprofundamento da vida interior. O Cristianismo e o Budismo desenvolveram formas ascéticas de renúncia enquanto os Muçulmanos aproveitam requintadamente as coisas boas que Allah criou para deleite dos homens. Um Chinês considera indelicado o nosso modo de cortar e picar a comida, que neles vem preparada e se leva à boca com dois pauzinhos manejados com elegância, sem nada que possa lembrar pensamentos violentos. Os Híndus reservam a mão direita para comer, recusando instrumentos que andaram na boca de outros, e a esquerda para todos os actos de limpeza do corpo. As Pretas da África ocidental descobrem os seios (a moda talvez chegue à Europa, já anunciada pelo cinema) mas tapam as coxas com a tanga, enquanto as Europeias de calções curtos pareciam despidoras aos seus olhos. Em muito poucos anos assistiu-se a uma diversidade na moda, aproximando trajos e cabeleiras a ponto de se confundirem os dois sexos. Como se perturbariam com a mini-saia certas personagens de EÇA, que gulosamente espreitavam o «pezinho» quase sempre oculto pelas longas saias rodadas!

Esta simples enumeração, que poderia alongar-se muito, mostra claramente que se trata de «valores» de civilização, geralmente confundidos com caracteres de raça.

Se a raça branca europeia revelou uma capacidade ímpar de expansão, organizando o mundo e povoando duas das suas partes (América e Austrália), a raça amarela é a que ocupa maior extensão contínua, povoou também outro continente muito antes dos Europeus (América) e organizou a vida social e a base agrária de mais de um bilião de homens, ou de um quarto da humanidade, em quatro nações de civilização chinesa: China, Viet-Nam, Coreia, Japão. Enquanto as altas densidades da Europa média foram alcançadas com base na indústria e na vigilância sanitária, os grandes formigueiros humanos do Extremo-Oriente são antigos, estáveis, de base exclusivamente rural e com densidades ainda mais elevadas. Os ofícios competiam com os europeus em produção e superavam-nos em habilidade e em finura. O homem tanto fornecia o estrume dos campos como a força motriz e as formas elementares de utilização da energia aquática eram desconhecidas. Nas pobres aldeias do Extremo-Oriente conseguiu-se este milagre social de acumular camponeses sem que a indigência os privasse da dignidade e da ordem, num mundo familiar e cerrado de que eles são, afinal, os senhores. As suas grandes cidades são antigas e, como as do mundo muçulmano, enormes em comparação com as da Europa. A revolução industrial penetrou neste mundo campesino e urbano de forma tardia e incompleta. Mas já o Japão exporta para todo o mundo produtos baratos e bem acabados, as suas cidades tomaram dimensões americanas, a China conta-se entre as maiores potências e o seu pensamento agitador, de inspiração marxista mas de cariz maoísta, portanto local, repercute-se em todo o mundo de efervescência revolucionária. Por várias vezes a Europa teve consciência do «perigo amarelo», que é apenas o de subtrair metade do mundo ao monopólio dos centros de produção industrial em que assentou o domínio da raça branca. Nas maneiras reservadas e cortezes, no sorriso fino e impenetrável que trazem para as reuniões internacionais, não haverá a consciência de uma superioridade e das maneiras de a impor? A *élite* negra tem também a consciência dos seus valores, o incomparável sentido do ritmo, a alegria espontânea, que contrasta com as raças contidas e tristes, os seus homens de génio, «mestiços culturais» (SENGHOR) que, na língua aprendida na escola, chegam a ser as mais puras vozes poéticas.

Cientificamente não há «superioridade» de raça, mas apenas *prosápias* — defeito humano que muitas delas possuem em comum e manifestam de diversas maneiras, tantas vezes agressivas e antipáticas. Existem, sim, caracteres somáticos (de ordem biológica) e culturais diferentes. As raças deviam ser vistas na sua nudez originária, sem as vestimentas ou atavios que se tornaram elementos característicos, e como tal distintivos, da maior parte delas. Mas esses pertencem à *civilização* e com ela devem ser descritos e interpretados.

SITUAÇÃO ACTUAL E DESTINO DAS RAÇAS HUMANAS

Entidades biológicas não escapam às malhas do contexto do ambiente e da civilização que as envolvem. As observações do grande e escrupuloso antropólogo FRANZ BOAS sobre *Mudanças Somáticas nos Imigrantes dos Estados Unidos* ⁽¹⁰⁾ mostraram que populações de origem relativamente homogênea se modificavam e os seus descendentes se aproximavam de um tipo médio americano, isto é, do cadinho onde os seus antepassados se haviam fundido. A assimilação de uma maneira de viver, ao ajustamento a outro ambiente, à aceitação de valores diversos de civilização, correspondem certos traços do corpo, que se torna mais fino e ágil, de movimentos vivos e desprendidos; a alimentação deve ter, nestas mudanças, o principal papel. Uma alimentação mais abundante em proteínas e vitaminas e moderada em hidratos de carbono (batata, arroz, pão, leguminosas frescas ou secas), favorece o aumento da estatura, os exercícios físicos bem conduzidos tornam o corpo mais harmonioso, libertando-o de adiposidades. O cinema e os figurinos puseram em voga as mulheres esbeltas; e os tipos atarracados, mesmo entre raças onde eram correntes, tendem a diminuir ou a adelgaçar-se; o provérbio popular «gordura é formosura», as mulheres fortes, de largos encontros, «de encher a cama», não atraem como outrora. A rasoira da civilização actual nivela tudo, até os corpos; em 1952 tive ocasião de ver as *girls* de Radio City, no Rockefeller Center de Nova York, todas da mesma altura e da mesma conformação, louras

⁽¹⁰⁾ FRANZ BOAS, *Race, Language and Culture*, New York, The Macmillan Company, 1961, p. 60-75.

e poucas morenas, com o mesmo sorriso convencional, levantando ritmicamente 200 pernas rigorosamente iguais. Para um Mediterrâneo vindo do Brasil com passagem pelo Peru, o que mais impressionava nestas beldades de incubadora era a insipidez. Ela é geral nas moças dos Estados Unidos: apenas algumas Pretas e mestiças aparentavam uma atraente personalidade. Não será esta carência de um apelo emotivo que explica o complicado comportamento sexual revelado no famoso relatório KINSEY, conduzido com tão rigorosa objectividade?

Existem raças em regressão? Sem dúvida. Os primeiros colonos e degredados da Austrália organizaram caçadas aos indígenas apenas por um dos dois motivos por que elas se fazem: o prazer de matar; a carne ministrava-a principalmente o canguru, neste continente pobre em mamíferos. Só a extensão permitiu que escapassem algumas hordas mais internadas nas terras áridas, sobre as quais se lançaria a curiosidade dos Etnólogos à cata de povos primitivos, da sua organização social e religiosa, onde supunham encontrar a «chave» para a compreensão do mesmo género de fenómenos em povos mais evolucionados ⁽¹¹⁾. Os Tasmânicos, uma ou duas dezenas de milhares quando a ilha foi descoberta, em 1777, desapareceram por completo: o último homem morreu em 1869, a última mulher em 1877; fizeram-lhe um funeral solene, que celebrava a extinção de uma raça e um grande crime dos homens brancos, detentores de várias «superioridades» do mesmo género.

Pigmeus da África e da Ásia, Bochimanes da periferia do Kalahari, para onde já haviam sido rechaçados pela expansão de Pretos e Brancos, Índios da Amazónia, parecem não ter cessado de diminuir. Luta de raças ou contacto dos modos de vida agrícola e pastoril com a paupérrima recollecção? Ambos os motivos. Quando os tecidos, o petróleo, o transporte por avião, as armas de fogo, os socorros alimentares, a assistência sanitária, chegaram aos Esquimós, estes puderam concentrar todo o seu esforço na caça e na pesca, melhorando o nível de vida, o abastecimento e, em consequência, a sua

⁽¹¹⁾ Dentro do postulado evolucionista, que dominou os primeiros tempos do pensamento etnológico e inspira ainda largamente as obras de LEITE DE VASCONCELLOS.

situação demográfica. A famosa «regressão» dos povos primitivos (a complexidade da civilização material e espiritual dos Esquimós não permite considerá-los como tais) parece resultante da precaridade dos seus modos de vida.

Todas as outras raças estão em expansão. Desde que a navegação a vapor se generalizou, há cerca de um século, e os aviões tomaram grande dimensão, nos últimos decénios, incrementou-se a emigração em busca de trabalho nos países de economia em desenvolvimento rápido, enquanto os navios à vela apenas haviam transportado autoridades, colonos, aventureiros, escravos e degredados. Nenhum outro movimento igualou em amplitude a expansão europeia para as terras novas da zona temperada e tropical, principalmente América, África do Sul, Austrália: uns 50 milhões de Brancos, desde o fim do século XVIII, cerca de metade para os Estados Unidos e Canadá; ou o tráfico de escravos entre a África e América, onde já vimos que constituem importantes núcleos de Pretos e Mestiços: avaliações muito díspares oscilam entre 5 e 20 milhões, para toda a duração do tráfico, e mais os que morriam pelo caminho, acumulados e mal alimentados nos porões insalubres, reservando-se as partes mais arejadas das naus e galeões aos senhores, soldados e marinagem. O tráfico de escravos da costa da África ocidental, de Arguim ao Golfo da Guiné, Congo, Angola, Moçambique, abriu grandes claros nas populações mais próximas do litoral, preenchidos pelo afluxo de gente do interior e contribuiu para o mosaico (ou antes *puzzle*) étnico de certas áreas.

A expansão das raças de civilização chinesa, desde a Coreia e o Japão ao Viet-Nam, perde-se em obscuridades para além da História. Ela representa, em número, mais do que a expansão europeia: uma lenta infiltração de camponeses, que procederam ao arroteamento de terras até então ao abandono (várzeas, deltas), de *élites* portadoras do saber, da escrita e das concepções superiores da vida social e da economia; a «virtude povoadora» da organização do espaço à maneira chinesa, ocupando todas as extensões úteis, cerrou este mundo a novos contributos étnicos; a forte consciência dos valores de civilização fez com que ele pudesse viver sobre si, até estalar sob a mais alta pressão demográfica que se conhece, forçando aos caminhos da emigração e à dolorosa

situação de minorias dependentes aos que eram senhores na sua aldeia.

Pertence já ao fim do século passado e ao actual a emigração de trabalhadores chineses e japoneses na periferia dos oceanos Pacífico e Índico, ao primeiro após-guerra a fixação de Indianos e Paquistaneses, principalmente como comerciantes, em toda a África oriental, mas também como agentes da administração colonial, empregados de hotéis e de meios de transporte, alguns grossistas, importadores e proprietários poderosos, situações de relevo social a que a independência dos jovens estados negros pôs termo. Estes emigrantes que alcançaram uma invejável prosperidade constituem sempre minorias ameaçadas e não formam nunca o poderoso recobrimento branco da grande maioria dos estados americanos, que devem sempre à Europa, mesmo quando a população indígena prepondera, a sua organização política, administrativa e económica. Meio milhão de Indianos (e Paquistaneses) na África do Sul têm uma situação difícil; somam cerca de um terço dos «Mestiços do Cabo» e são relegados pelos Brancos para a «gente de cor»; a sua forte consciência de superioridade afasta-os de Pretos e Mulatos; sobre o grupo da gente de cor, que abrange tanto os «Cape Coloured» como raças africanas de pele clara (Bochimanes, Hotentotes, etc.) domina, pela força ou violência, pouco mais de um milhão e meio de Brancos, decididos a defender as posições, os privilégios, as terras de que se apropriaram. O *apartheid* pode produzir mais violentas tensões que nos Estados Unidos. Se os Portugueses fossem em número suficiente para ter dominado toda a imensa extremidade da África ao Sul do Equador teriam feito dela um novo Brasil? É ocioso conjecturar em História. A evolução recente de Angola e Moçambique, «estados» oficialmente proclamados multi-raciais e multi-religiosos (em todo o litoral de Moçambique predominam Pretos e Indianos muçulmanos, extensões importantes de Angola foram evangelizadas por Protestantes) aproximava-se, de facto, mais do racismo sul-africano do que da harmoniosa fusão de etnias e de civilizações do Brasil. A despeito da geral integração dos Mestiços e de todos os Goeses (em Moçambique) no estrato social dos Brancos e de alguns Pretos que conseguiram chegar a ele — mas em número irrisório!, os preconceitos de

raça estavam tanto mais arreigados quanto a educação era menos desenvolvida; a mestiçagem estancou-se e os Brancos arvoravam, com mais ou menos decisão, a consciência de uma duvidosa superioridade. Outros tempos, outra mentalidade — e um grave assunto de meditação e de preocupações. Uma vez mais, o problema racial era um problema de civilização.

O derradeiro aspecto da expansão racial é o afluxo de Pretos às áreas prósperas dos estados extratropicais. Desde que a Guerra da Secessão pôs fim à escravatura nos Estados Unidos do Sul, os descendentes de escravos vieram trabalhar nos mesteres humildes da monstruosa região urbana do Nordeste do país. Todos os carregadores do aeroporto de Nova York, o maior do mundo, são Mulatos ou Pretos, os funcionários de balcão, da polícia, da alfândega, das informações, etc., são Brancos. São também gente de cor os encarregados da limpeza e os operários da construção urbana — e Índios que, insensíveis à vertigem, trabalham nos andaimes e pranchas de construção ou limpeza dos arranha-céus. Anos depois da segunda guerra mundial é a Europa média, principalmente a Inglaterra e a França, que recebem Pretos das Antilhas e dos estados «descolonizados» da África. Em Paris, os Antilheses, mais instruídos, são carteiros, empregados dos correios, verificadores de bilhetes do metropolitano e dos autocarros; os Africanos são varredores e operários da construção civil. Até em Portugal se vêem Cabo-verdianos ocupar, na abertura de ruas e de obras de arte da circulação de Lisboa e na construção civil (cabouqueiros, pedreiros, serventes), os vãos deixados pela emigração desordenada que, além disso, priva o país dos seus elementos de maior capacidade e iniciativa. Pouco qualificados como trabalhadores, fazem em Lisboa os mesmos serviços que muitos Portugueses vão fazer no estrangeiro.

Toda a mobilidade racial abre caminho à mestiçagem e à mistura de raças, de tal modo que são raras as que podem considerar-se como tendo conservado a sua pureza originária. Nos próprios Australianos, dos mais isolados de todos os seres humanos, se pretendeu ver a mestiçagem (mas seria ela possível?) com os Pitecantropos; até dos Pigmeus hoje ocultos na selva equatorial se encontram traços em raças

negras da África e amarelas da Ásia. Indicaram-se várias raças mistas que estabelecem como uma transição nos confins de grandes grupos humanos: Etiópes, Hotentotes, Malaios, Polinésios; a tal ponto que os etnólogos hesitam em colocar certas raças nos grandes grupos demarcados pela cor. Esta mestiçagem, facilitada pela contiguidade e consolidada pelo tempo, acabou por dar origem a tipos relativamente homogêneos, isto é, a novas raças de formação remota e renovada.

Creio que poderíamos reservar o termo «mestiçagem» para os cruzamentos recentes (ou «modernos», no sentido histórico dos últimos cinco séculos) entre as grandes raças que a organização do mundo depois dos Descobrimentos pôs em contacto: para só citar casos portugueses, Caboclos e Mulatos do Brasil, Mulatos de toda a África portuguesa, «Mestiços» de Goa (é o termo que em concanin designa os Descendentes ⁽¹²⁾), Macaístas (cerca de 6.000), procedentes do cruzamento de Brancos com Chineses ou do casamento dentro do mesmo grupo e posteriormente ocidentalizados, poucos mestiços de Portugueses e de Timores. Raças puras são tão raras como sistemas sociais e conceptuais puros, que os etnólogos afanosamente têm procurado. Grupos humanos diferentes infundem uns nos outros o seu património de civilização e, por certo em menor grau, os elementos genéticos de que são portadores. Mas é diferente a mistura de sangue entre louros nórdicos e morenos mediterrâneos e a outra entre Brancos, Pretos e Amarelos. Sustentar que todas as raças são mestiças é tão estulto como as tendenciosas afirmações racistas contra as quais esta outra afirmação pretende reagir.

(12) A prosápia destes «descendentes» de Portugueses fá-los repudiar a aviltante suspeita e, de facto, muitos serão brancos puros; outros têm cabelo negro de azeviche e tom de pele bronzeada que não engana. A rigidez do sistema das castas deixou aos intrusos apenas duas possibilidades: as viúvas, cujo estado o Bramanismo considera perpétuo, e as «bailadeiras», servidoras dos pagodes e prostitutas sagradas; dois grupos de mulheres desprezíveis, como a sua descendência, aos olhos dos Hindus. ALBUQUERQUE não se embaraçou com isso e promoveu com elas o casamento dos seus soldados e marinheiros. Em todo o caso, os Descendentes formavam um grupo insignificante em número (cerca de 1500 à data da incorporação de Goa na União Indiana) e vivendo quase completamente à maneira provinciana de Portugal.

A evolução da Ásia e da África no sentido da independência, que o Papa João XXIII solenemente proclamou direito de todos os povos, não se fez sem luta, com os antigos senhores ou de ctnias que pretendiam substituir-se à denominação colonial contra as que não aceitavam trocar um jugo por outro. Guerras coloniais ferozes e duradouras (Indo-China, Argélia, aqui de Brancos franceses contra Brancos muçulmanos, guerra do Viet-Nam, guerras da África portuguesa); mas às vezes guerras fratricidas, lutas tribais e regionais implacáveis: separação do Bengala-desh do Paquistão — duas maiorias muçulmanas que formaram, no espaço indiano, um estado «inviável» por falta de continuidade territorial —, aniquilamento do valoroso Biafra pelo resto da Nigéria (cuja constituição foi difundida e comentada nas seis principais línguas do país!), a que as potências que se arrogam o direito de regular os destinos do mundo assistiram com odiosa indiferença, e tantos outros conflitos que assolam actualmente o continente africano. Basta recordar um princípio elementar da Geografia política: que a multiplicação das fronteiras multiplica também as faixas de fricção e os perigos de luta. Sobretudo se, como em África, onde as nações independentes se amoldaram aos arbitrários limites coloniais, elas separam unidades étnicas e vocações económicas e reúnem mosaicos de povos numa grande diversidade de regiões, numa administração que não pode, como a administração colonial, fazer tábua rasa destas diferenças sob a rasoira duma força exterior e dominadora. Os construtores da unidade africana não desejam bulir em quadros que não tiveram tempo de moldar em nações o seu conteúdo. Prudência ou erro grosseiro, só o tempo virá a mostrar.

Uma vez mais estamos longe da «raça» como entidade natural. O estudo destes problemas pertence à Geografia política, sem dúvida o ramo mais inseguro de toda a fronde da Geografia humana. Insiste-se apenas, para concluir estas breves noções sobre raças humanas, na maneira como o estudo de entidades biológicas se imbrica em conceitos essenciais da Geografia, como os de modo de vida e de civilização.

ORLANDO RIBEIRO

RÉSUMÉ

La Terre et la diversité humaine. Les races. Dès la dernière époque glaciaire l'humanité actuelle (*Homo sapiens*) a pratiquement atteint les limites de l'œkoumène. Ce sont des caractères physiques (couleur de la peau, section du cheveu) qui permettent de distinguer trois grandes *races*. Leur répartition spatiale pose de nombreux problèmes de géographie historique mais ne paraît avoir aucun rapport avec des facteurs climatiques tels que l'insolation. La comparaison des races noires d'Afrique, de l'Inde et de Mélanésie-Australie suggère par exemple des types de mise en place bien différents.

Des races métisses, comme les Peuls, les Ethiopiens ou les Malais, se trouvent sur la frange des domaines occupés par les trois grandes races, en des lieux de contact entre grands domaines de civilisation. Les races africaines de petite taille (Pygmées, Bochimans) ne disposent plus aujourd'hui que d'un espace fort réduit.

Un peuple ou *ethnie* est un groupement dont la cohésion est basée sur la communauté des usages (langue, religion, coutumes, traditions, façons de vivre...).

L'exemple des Juifs, des Bohémiens et des Parsis permet de montrer la différence entre cette notion et celle de race.

Le grand problème du *métissage* est illustré par l'exemple de l'Amérique ibérique. Les types de rapports sociaux qui découlent des diverses formes du métissage y sont particulièrement variés et visibles. Les cas des Etats-Unis et de l'Afrique du Sud sont ensuite présentés et introduisent à l'étude critique des préjugés raciaux et de l'apartheid. Les réalisations comparées des grandes races humaines ne permettent de conclure à aucune classification de valeur, mais certaines races se trouvent aujourd'hui en régression, alors que la plupart sont en forte expansion. Les problèmes «raciaux» actuels sont en réalité des conflits politiques ou de civilisation.

SUMMARY

The earth and the diversity of mankind. The races. Since the last glacial age, mankind (*Homo Sapiens*) has practically reached the limits of the inhabited earth. Certain physical traits (colour of the skin, section of the hair) enable us to distinguish three large *races*. Their distribution in space involves many problems of historical geography but seems to bear no connection with climatic factors such as insolation. The comparison between negro races in Africa, India and Melanesia-Australia for instance suggests very different types of location.

Mixed races, like the Fulani, the Ethiopians and the Malaysians, are on the fringe of territories occupied by the three main races in places where contacts take place between large areas of civilization. Nowadays, the African races of small size (Pigmies, Bushmen) have only a rather reduced space to live in.

A people or *ethnia* is a grouping whose coherence is based on a community of habits (language, religion, customs, traditions, ways of life...).

The example of the Jews, Bohemians and Parsees makes it possible to show the difference between the concepts of people and of race.

The complex problem of admixture is illustrated by the example of Latin America. This is where the types of social relations, deriving from the different forms of admixture, are particularly varied and conspicuous. The cases of the United States and of South Africa are then discussed and introduce the critical study of racial prejudice and apartheid. A comparative analysis of the achievements of the large human races does not substantiate a classification of value, but certain races are now dying out, while most of them are expanding. «Racial» problems in the contemporary world are in fact political issues or conflicts of civilizations.